

Essa é a incrível história de Zézozefino. Nordestino residente do lugar mais quente da Caatinga do Nordeste, trabalhador e honesto, que sai todos os dias para plantar, colher e nutrir seus 17 filhos e suas 3 mulheres, com uma planta que não dá frutos, uma chuva que nunca vem e numa fome e sede extrema, de uma realidade pesada, voraz e tudo lhe falta, mas sobrando bom humor e felicidade tanta, a compartilhar com tudo e com todos por onde passa.



Deficiente físico, de família humilde e por mais que viva toda dificuldade e dureza de sua realidade, em rima ele alegrava a todos com suas paródias, suas lindas histórias, mas com um problema que sempre lhe intrigava muito, o sonho de ser triste e deixar de se sentir excluído do resto. Porque por ser feliz meio a tantas dificuldades, mesmo levando felicidade para todas as pessoas, elas diziam que ele era louco e que sua felicidade era uma doença.



É chegado o dia como nenhum outro, quando no meio da Caatinga do Nordeste, após sair cedo e ir plantar, pede à Pai de Cícero para intervir por ele, pois queria de uma vez por todas que seu sonho se tornasse realidade e algo acontece. No meio do seu árduo trabalho e da solidão do calor do nordeste, diante daquele efervescente horizonte, Zézozefino franze a têmpora, limpa o suor e usando a enxada como muleta, foca no horizonte e se entrega a falar com Deus, por interseção de Pai de Cícero. Olha para o horizonte e declama:



___ Por esta terra que me cerca, terra seca. Por este sol que me ilumina, de todos os dias. Pelo horizonte, aqui de frente, que me afronta. Pela dor que no peito sinto, deste bombeio que não só imagino. Estou doente, dessa sede, com sede, dessa dor, mas sempre acabo sofrendo, com o meu bom humor. Canto e danço no sertão, sou aleijado, mas sou safado. Trabalho, trabalho e o meu trabalho?



Estou rimando o meu viver e vou acabar passando fome sem sofrer. Também a planta dá fruto seco, que mais seca essa seca! Aqui planto, nesta terra, mas a terra é dura de secura, que como teias se espalham suas rachaduras. A planta mal nasce, seca, morre e não dá fruto, acabo com dezessete filhos, três mulheres e uma planta que não se manca. E com essa fome que nos persegue, como o sertão que aqui dispersa.



___ Daqui levanto, olho tudo e tudo que veja é absurdo. Vejo o sol, vejo à terra, não vejo vida, só vejo rima. Aqui passo fome, estou sofrendo; água não tem e é o que nunca vem; aqui só vejo seca, que só mais me seca e a única coisa viva que vejo, são cactos que me espeta. Não veja verde, só planta seca. O que mais vejo, vejo em tudo, são rachaduras que, como eu disse, são de secura.



____ Estou vivendo por Deus querer e sempre sorrindo com o meu mal viver. Sou aleijado, sou doido, sou safado; sou pobre e mal pago; sempre bebo água com terra, tudo misturado; estou vazio, estou sentido, estou a pé, estou sem nada; estou com o sol que só mais me seca e com a lua, que a noite ilumina todo o sertão em sua plena solidão.



____ Não sinto a dor que existe, ficando cada vez mais perdido, por não sentir o que vem a todos perecer, sou um homem desmedido. Tenho tudo e nada, delírios que me inflijo, mas o que menos entendo e o que mais me pira é tudo isso com um sorriso.



Padre Cícero aparece a sua frente.

___ Pai de Cícero! Pai de Cícero! O senhor novamente vem para me dizendo para eu não ficar assim? Mas como se sou feliz? O senhor está aqui, está lá e só os meus olhos veem o senhor. Sangue, água, barro, como é, eu não sei, mas sei quem é! Pai de Cícero, meu Deus, como de outras vezes que também só quem o viu fui eu, peço-o novamente o remédio para aquela minha antiga doença, porque eu preciso é da cura, que como disse do sertão, dura de secura.





E então Zéozefino olha para o céu e entrega seu sonho para Pai de Cícero.

___ Meu Padin! Meu Deus! Eu só queria ser como todo mundo. Eu quero ser como o céu: azul como o mar e suas ostras ao estrelar. Ser como a lua: uma imensa Deusa em seu luar.

___ Queria ser como o nordeste: terra seca que nos cercam, dura de amargura, mas ainda assim terra de se amar. Ou como a água: vida difícil de se achar. Como o Jegue: burro, duro, besta, forte e em passos devagar, mas que sempre chega e aí está.



___ Pai de Cícero, Deus de se amar, não me deixe vivo sendo um louco varrido que sorri em vez de chorar. Não quero mais ser o Zézozefino que nunca sente a dor, mas que sempre sorri ao se machucar, que sempre termina no há!há!há! Não adianta Padin Cícero, essa é a minha sina?



Até que Pai de Cícero desaparece da sua frente.

___ Pai de Cícero? Padin? Onde o senhor está? Como de outras vezes, você vai partir sem me falar? Ver o senhor não me mostra o caminho do meu bem-querer. O senhor com essas brincadeiras só me deixa sorrindo mais com o meu mal viver. Pai de Cícero, permita-me dizer: se ser o meu bem-querer for tão impossível, deixe-me e não serei mais um sacrifício, pedindo a Deus para parar de sorrir em vez de sofrer.



___ Há anos que a minha dor é hilária e meu maior desejo de endoidecer. Eu só queria chorar ao me machucar, sofrer em me magoar, como todos são e normal eu me sentiria, em vez de ser um louco varrido, um maluco perdido, que sorri e canta em vez de chorar.

___ Pai de Cícero! Pai de Cícero! Estou sofrendo por não chorar, sonho, isso sempre será? Estou chorando por... por...



Então Zézozefino pela primeira vez, em toda a sua vida, percebe que está chorando e sofrendo no meio do sertão.

— Estou chorando! Estou chorando! Estou chorando! Obrigado meu Deus! Obrigado Pai de Cícero! Obrigado!



Zéozefino então pára, contempla o horizonte com um lindo sorriso e diz:

___ Pai de Cícero, de que adianta chorar se logo volto a sorrir? Há!há!há!... há!há!há!... Há!há!há!... há!há!há!...



Fim!
Feliz!

